

Editorial

República dos jornalistas

Mantenho o título deste editorial em sinal de uma dúvida, ou melhor, em relação a uma questão que não quer calar e que, espero, venha a inquietar outras pessoas que se sintam deslocadas em relação à posição que ocupam. A temática primordial que veio à minha mente referia-se à posição que nós - estudantes, professores, membros participantes da Universidade - deveríamos ocupar frente à sociedade. Ou seja, em minha colocação específica - que, sinceramente, não sei qual é, e, talvez, esteja aí a inquietação - vinha observando o desempenho de um papel que sempre considerei essencial, sendo exercido de forma muitas vezes patética por "agentes" na sua maioria desprovidos de qualquer referencial; ou, melhor dizendo, providos de uma orientação hipócrita e superficial.

Meu primeiro interesse foi, então, o de colocar em questão o espaço que nós, membros da academia, deveríamos ocupar. A reflexão pública sobre a sociedade brasileira, uma tarefa da qual a universidade deveria se ocupar por excelência, vem sendo praticada quase que exclusivamente por jornalistas. Não são raros, inclusive, os livros escritos por eles; e não é difícil identificá-los com títulos como "História sincera...", "A história dramática de...", entre outros. Tomamos como natural que todos os espaços que cabem aos meios de comunicação sejam por eles ocupados. Resguardados em nossas torres em ruínas, desenvolvemos os mais variados estudos sobre os mais diversos assuntos - em grande parte com uma qualidade exemplar. Porém, o espaço ocupado pela Universidade no debate público se mostra insignificante, para não dizer ridículo. Não me ocuparei neste editorial de discutir as causas e características que fomentam esta aberração; contudo, espero suscitar nos leitores a mesma inquietação que me perturba.

Minhas indagações para esse primeiro interesse estariam divididas nos seguintes termos: a) quais os papéis que os membros da Universidade deveriam ocupar?; b) como conciliar uma participação efetiva no debate público com um embasamento sério e qualitativo?; c) e qual a função que as ciências humanas deveriam ocupar numa sociedade em que as relações estão cada vez mais desprovidas de laços comunicativos e solidários? Porém, a terceira questão suplantou as demais e é sobre esta que pretendo discorrer nas linhas que se seguem.

A apatia que assola o ambiente universitário nos últimos anos - ou décadas -, deve-se a fatores diversos; contudo, desses fatores, a meu ver, um mostra-se essencial. O posicionamento que mantemos frente à própria produção acadêmica, como lidamos com os objetos de nossas pesquisas e o que

esperamos delas; ou, em outros termos, o porquê de refletirmos sobre as humanidades. Veio-me à mente uma passagem de Valéry: "No sonho, o pensamento não se distingue do viver e não perde tempo com ele. Adere ao viver; adere inteiramente à simplicidade do viver, à flutuação do *ser* sob os rostos e as imagens do *conhecer*". É dessa necessidade de aderir ao viver – independente das implicações da palavra *sonho* –, que nos lembra Valéry, que pretendo falar, por mais que o mal trato com palavras me impeça.

Partindo do pressuposto da impossibilidade de um conhecimento objetivo e imparcial, consequência da dissociação feita pelas ciências humanas frente à positividade das ciências da natureza, cabe indagar qual o sentido que nossas pesquisas devem assumir; ou melhor, qual o sentido que nós devemos dar a elas. Ou seja, o que estou querendo pôr em questão é antes um problema ontológico que metodológico.

A produção do conhecimento, a reflexão que se desenvolve – ainda que limitada – na Universidade, tanto por alunos como por professores, restringem-se quase que exclusivamente aos espaços constituídos pelas "guildas de conhecimento"; nos departamentos burocráticos, onde cada um à socos e pontapés tenta ganhar a migalha que lhe cabe. Consequência disso, grande parte das pesquisas se desenvolvem com uma apatia impressionante. Exceção a alguns projetos louváveis que não desassociam o *pensamento* do *viver*.

No editorial do primeiro número da revista, Fernando Nicolazzi escreveu: "tendo em mente que a história lida, em última (ou primeira) instância, com a própria condição humana, não estaria claro que, quando se fala em história, a mesma voz murmura antropologia, sociologia, psicologia, filosofia, lingüística, literatura, artes plásticas, música...?". Na esteira deste pensamento, gostaria de acrescentar que uma função desejável às diferentes esferas que refletem sobre o humano seria a de interagir mais nos laços comunicativos de uma sociedade cada vez mais específica e compartimentalizada. Contribuir na busca por uma "comunicação sem limites e sem entraves", na qual os diversos agentes poderiam se reconhecer, reconhecendo uns aos outros. Tecer essa rede de diálogos se apresenta como o grande problema; e, creio, as ciências humanas poderiam contribuir de forma significativa para isso.

Ao contrário do que muitos devem estar pensando, eu não estou propondo nenhuma anarquia metodológica ou coisa que o valha. Mas sim a busca por um sentido que possibilite a compreensão, a comunicação e o entendimento comum num sentido mais amplo, que não se limite aos espaços físicos, sejam eles a Universidade, o teatro ou qualquer outro ambiente onde o pensamento habite. Esses espaços físicos devem servir como focos diferentes de pensamento a partir de onde se expandiriam, atingindo, se possível, todas as camadas sociais. "Fazer o público gritar", como diria Artaud. Assim, seria no

mínimo interessante se encontrássemos canais por onde nossas reflexões e pesquisas ganhassem eco, gerando sentidos e reações que, por sua vez, voltariam para enriquecer nossos próprios pensamentos. A busca pelo saber é uma tarefa que devemos sempre começar, mas que, por princípio, não podemos concluir.

Do nosso sentimento de pertença ao mundo que nos cerca, o conceituado "mundo da vida", de onde não podemos pretender estar alheios, inclusive em nossas pesquisas, é a partir dessa condição invariável que devemos assumir um posicionamento frente às nossas tarefas específicas na Universidade. Não podemos tratá-las com uma frieza imparcial, seja no sentido do conhecimento, seja concebendo-as como tarefas ordinárias e necessárias para sustentarmos ou adquirirmos posições. Devemos sempre continuar nos guiando por aquilo que Hegel denominava de "a substância ética". Para finalizar, utilizo-me de uma citação de Ricoeur: "Nosso modo de tomar parte nos 'gemidos da criação' consiste em inscrever nossa esperança numa leitura atenta e numa ação inovadora".

Rodrigo Turin
Curitiba, maio de 2001